REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

# TECNOLOGIAS EMERGENTES E EDIÇÃO DE LIVROS NO BRASIL: O USO DE IA E SUAS TRANSFORMAÇÕES EM PRÁTICAS EDITORIAIS

## *EMERGING TECHNOLOGIES AND BOOK EDITING IN BRAZIL: THE USE OF AI AND ITS TRANSFORMATIONS IN EDITORIAL PRACTICES*

## *TECNOLOGÍAS EMERGENTES Y EDICIÓN DE LIBROS EN BRASIL: EL USO DE IA Y SUS TRANSFORMACIONES EN LAS PRÁCTICAS EDITORIALES*

Thaís Cristina Afonso de Jesus[1]

e737392
https://doi.org/10.47820/recima21.v7i3.7392

PUBLICADO: 03/2026

**RESUMO**

A pesquisa analisa o uso contemporâneo da inteligência artificial generativa (IAG) no mercado editorial brasileiro, com foco nas transformações das práticas editoriais e nos impactos éticos, culturais e regulatórios decorrentes dessa adoção tecnológica. O estudo tem como objetivo compreender como editoras brasileiras vêm incorporando ferramentas de IA em processos como análise de manuscritos, produção de audiolivros, marketing digital, criação de ilustrações e automação de fluxos internos. Trata-se de pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, desenvolvida por meio de análise documental de fontes institucionais, reportagens especializadas e casos emblemáticos ocorridos entre 2022 e 2025. A investigação dialoga com estudos da Comunicação e da economia política do livro, especialmente no que se refere à bibliodiversidade, à concentração editorial e à governança algorítmica. Os resultados indicam que, embora a IA amplie a eficiência produtiva e a capacidade preditiva do setor, sua adoção, sem critérios claros, pode gerar riscos relacionados à autoria, à qualidade editorial, aos vieses algorítmicos e à redução da diversidade cultural. Conclui-se que a integração da IAG ao campo editorial exige mecanismos de regulação, transparência e responsabilidade ética, de modo a preservar o trabalho criativo humano e garantir a pluralidade de vozes no ecossistema do livro.

**PALAVRAS-CHAVE**: Inteligência artificial generativa. Produção editorial. Bibliodiversidade.

***ABSTRACT***

*This study analyzes the contemporary use of generative artificial intelligence (GAI) in the Brazilian publishing market, focusing on the transformation of editorial practices and the ethical, cultural, and regulatory implications of this technological adoption. The research aims to examine how Brazilian publishers have incorporated AI tools into processes such as manuscript evaluation, audiobook production, digital marketing, illustration design, and workflow automation. This is a qualitative, exploratory, and descriptive study based on documentary analysis of institutional sources, specialized media reports, and emblematic cases identified between 2022 and 2025. The discussion is grounded in Communication studies and the political economy of publishing, particularly concerning bibliodiversity, editorial concentration, and algorithmic governance. Findings indicate that while AI enhances operational efficiency and predictive capacity within the sector, its unregulated adoption may pose risks related to authorship, editorial quality, algorithmic bias, and the reduction of cultural diversity. The study concludes that the integration of generative AI into*

[1]Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), São Paulo/SP, Brasil. Mestre em Ciências da Comunicação pela mesma instituição. Bacharel em Editoração e em Jornalismo. Pesquisadora na área de mercado editorial, bibliodiversidade e tecnologias digitais.


Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218



*publishing requires regulatory frameworks, transparency mechanisms, and ethical responsibility to preserve human creative labor and ensure plural voices within the book ecosystem.*

***KEYWORDS:*** *Generative artificial intelligence. Publishing industry. Bibliodiversity.*

***RESUMEN***
*La investigación analiza el uso contemporáneo de la inteligencia artificial generativa (IAG) en el mercado editorial brasileño, con énfasis en las transformaciones de las prácticas editoriales y en los impactos éticos, culturales y regulatorios derivados de esta adopción tecnológica. El objetivo es comprender cómo las editoriales brasileñas han incorporado herramientas de IA en procesos como evaluación de manuscritos, producción de audiolibros, marketing digital, ilustración y automatización de flujos internos. Se trata de una investigación cualitativa, de carácter exploratorio y descriptivo, desarrollada mediante análisis documental de fuentes institucionales, reportajes especializados y casos emblemáticos ocurridos entre 2022 y 2025. El estudio dialoga con los estudios de Comunicación y con la economía política del libro, especialmente en lo que respecta a la bibliodiversidad, la concentración editorial y la gobernanza algorítmica. Los resultados indican que, aunque la IA amplía la eficiencia productiva y la capacidad predictiva del sector, su adopción sin criterios claros puede generar riesgos relacionados con la autoría, la calidad editorial, los sesgos algorítmicos y la reducción de la diversidad cultural. Se concluye que la integración de la IAG en el campo editorial exige regulación, transparencia y responsabilidad ética para preservar el trabajo creativo humano y garantizar la pluralidad de voces.*

***PALABRAS CLAVE****: Inteligencia artificial generativa. Industria editorial. Bibliodiversidad.*

## INTRODUÇÃO

A incorporação de tecnologias digitais no mercado editorial não é fenômeno recente, mas a emergência da inteligência artificial generativa (IAG) intensificou de forma inédita as transformações nas práticas de produção, circulação e consumo de livros. Ferramentas capazes de gerar textos, imagens, traduções e narrações sintéticas vêm sendo adotadas por editoras para otimizar processos como análise de manuscritos, criação de capas, produção de audiolivros e estratégias de marketing digital. Esse cenário amplia as possibilidades produtivas do setor, mas também introduz desafios éticos, culturais e regulatórios que tensionam a organização histórica do campo editorial.

Nesse contexto, coloca-se o seguinte problema de pesquisa: como o uso da inteligência artificial generativa está transformando as práticas editoriais no Brasil e quais são os impactos éticos, culturais e estruturais decorrentes dessa adoção tecnológica? A questão envolve não apenas mudanças operacionais, mas também implicações relacionadas à autoria, à qualidade editorial, aos vieses algorítmicos, à concentração de mercado e à preservação da bibliodiversidade.

O objetivo geral deste estudo é analisar de que maneira editoras brasileiras vêm incorporando ferramentas de inteligência artificial generativa em seus processos produtivos e discutir os impactos dessas transformações na editoração. Como objetivos específicos, busca-se:


Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

(a) mapear as principais aplicações de IAG no mercado editorial brasileiro; (b) identificar os desafios éticos e regulatórios associados ao uso dessas tecnologias; (c) discutir os riscos de homogeneização cultural e de redução da bibliodiversidade; e (d) refletir sobre a necessidade de mecanismos de governança e transparência na adoção de sistemas algorítmicos.

A justificativa da pesquisa reside na relevância contemporânea do tema, considerando que a expansão da IAG ocorre em ritmo acelerado, frequentemente antecedendo marcos regulatórios e debates públicos mais amplos. No campo da Comunicação e dos estudos da editoração, torna-se fundamental compreender como a mediação algorítmica pode reconfigurar processos de curadoria, seleção e circulação de obras, impactando tanto profissionais do setor quanto leitores. Além disso, a discussão dialoga com perspectivas da economia política da comunicação e com o debate internacional sobre diversidade cultural, especialmente no que se refere à proteção da bibliodiversidade e à valorização do trabalho criativo humano.

Dessa forma, o artigo busca contribuir para a reflexão crítica sobre a integração de tecnologias de inteligência artificial no mercado editorial brasileiro, propondo uma análise que articula inovação tecnológica, responsabilidade ética e preservação da diversidade cultural.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A análise das transformações contemporâneas no mercado editorial brasileiro exige a articulação entre os estudos da Comunicação, a economia política da cultura e as reflexões sobre tecnologia e sociedade. O livro, enquanto produto cultural e mercadoria simbólica, ocupa posição estratégica nas dinâmicas de produção e circulação de sentidos. Conforme Thompson (2013), o mercado editorial constitui um sistema complexo de mediações, no qual decisões econômicas, tecnológicas e culturais moldam o que será publicado, distribuído e legitimado socialmente. Nesse contexto, a incorporação de tecnologias digitais reconfigura tanto os processos produtivos quanto as formas de mediação simbólica.

Darnton (2010) destaca que a história do livro é marcada por sucessivas revoluções tecnológicas — da imprensa ao ambiente digital — que transformaram os circuitos de produção e leitura. A emergência da inteligência artificial generativa (IAG) pode ser compreendida como uma nova etapa desse processo, caracterizada pela automação parcial de atividades tradicionalmente humanas, como a escrita, a revisão e a ilustração. Entretanto, diferentemente de inovações anteriores, a IAG opera por meio de modelos treinados com grandes volumes de dados, o que introduz questões inéditas relacionadas à autoria, à propriedade intelectual e aos vieses algorítmicos.

Sob a perspectiva da economia política da comunicação, Schiffrin (2006) argumenta que a concentração editorial e a lógica de maximização de lucros tendem a reduzir a diversidade de publicações, privilegiando obras com maior potencial comercial. Nesse cenário, a adoção de


Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

ferramentas de análise preditiva e segmentação algorítmica pode intensificar essa tendência, uma vez que decisões editoriais passam a ser orientadas por métricas de desempenho e projeções de mercado. A automatização de processos de seleção e recomendação pode reforçar padrões de consumo já consolidados, limitando a circulação de narrativas alternativas.

A noção de bibliodiversidade, conforme formulada por Hawthorne (2018), oferece um contraponto crítico a esse processo. A autora compreende a bibliodiversidade como um ecossistema editorial plural, capaz de sustentar múltiplas vozes, perspectivas e formas narrativas. A preservação da diversidade cultural no campo do livro também é reconhecida internacionalmente pela Convenção da Unesco (2005), que defende a proteção e promoção das expressões culturais como elemento fundamental para o desenvolvimento social e democrático. A mediação algorítmica, quando orientada por dados não representativos ou por critérios estritamente mercadológicos, pode comprometer esse equilíbrio, favorecendo a homogeneização cultural.

Outro eixo relevante refere-se à governança algorítmica e aos vieses inerentes aos sistemas de inteligência artificial. Modelos de IAG são treinados a partir de bases de dados extensas, que podem reproduzir desigualdades históricas e padrões discriminatórios. O viés de representatividade, o viés de seleção e o viés de contexto são exemplos de distorções que podem impactar processos como análise de manuscritos, recomendação de leitura e segmentação de público. A confiança excessiva na automação decisória — denominada viés de automação — tende a deslocar a responsabilidade crítica dos profissionais para os sistemas tecnológicos, fragilizando a curadoria editorial.

Além disso, a crescente plataformização do mercado editorial insere o setor na lógica do capitalismo de dados, no qual informações sobre comportamento de leitura e consumo tornam-se ativos estratégicos. A integração entre editoras, plataformas digitais e sistemas de recomendação automatizada redefine as dinâmicas de visibilidade e circulação de obras. Nesse ambiente, a inteligência artificial não atua apenas como ferramenta operacional, mas como elemento estruturante das decisões editoriais.

Dessa forma, a análise do uso de inteligência artificial generativa no mercado editorial deve considerar não apenas seus ganhos de eficiência produtiva, mas também suas implicações estruturais para a diversidade cultural, a autonomia criativa e a configuração do mercado editorial enquanto espaço de produção simbólica. A articulação entre inovação tecnológica e responsabilidade ética constitui, portanto, um dos principais desafios contemporâneos para a sustentabilidade do ecossistema do livro.


Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218



## MÉTODOS

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, voltada à compreensão das transformações contemporâneas no mercado editorial brasileiro a partir da incorporação de ferramentas de inteligência artificial generativa (IAG). A escolha da abordagem qualitativa justifica-se pela necessidade de analisar processos simbólicos, práticas institucionais e implicações culturais que não podem ser reduzidas a métricas quantitativas, mas exigem interpretação contextualizada.

O estudo foi desenvolvido por meio de pesquisa documental, considerando como corpus de análise materiais publicados entre 2022 e 2025, período marcado pela expansão acelerada das ferramentas de IAG no mercado editorial. Foram examinadas fontes institucionais de editoras brasileiras, reportagens especializadas do setor editorial, entrevistas com profissionais da área e documentos normativos relacionados à regulação da inteligência artificial. A seleção das editoras e dos casos analisados ocorreu por critério de relevância e visibilidade pública, priorizando iniciativas amplamente divulgadas ou que tenham gerado repercussão no campo editorial.

Como procedimento analítico, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin, aplicada à identificação de categorias temáticas recorrentes nas práticas editoriais observadas. A análise concentrou-se em três eixos principais: (a) aplicações operacionais da IAG no processo editorial; (b) impactos éticos e jurídicos relacionados à autoria e aos direitos autorais; e (c) implicações culturais associadas à bibliodiversidade e à governança algorítmica. A categorização permitiu sistematizar tendências, identificar padrões de adoção tecnológica e problematizar riscos associados à automatização de decisões editoriais.

Além da análise documental, realizou-se revisão bibliográfica com base em autores dos estudos da Comunicação, da economia política do livro e das discussões contemporâneas sobre inteligência artificial e cultura digital. Essa articulação entre dados empíricos e referencial teórico possibilitou interpretar as evidências observadas à luz de conceitos como concentração editorial, bibliodiversidade e mediação algorítmica.

A análise documental permitiu identificar três dimensões estruturantes do uso de inteligência artificial generativa no mercado editorial brasileiro: (1) reconfiguração produtiva, (2) reconfiguração simbólica da autoria e (3) tensionamento da bibliodiversidade. Essas categorias, definidas na metodologia, orientam a interpretação dos casos empíricos apresentados.

No plano operacional, a incorporação de IAG evidencia um movimento de racionalização dos fluxos produtivos. Editoras como Gente, DarkSide, Intrínseca, Melhoramentos, Novo Século e Viseu foram selecionadas com base em três critérios: (a) visibilidade pública de iniciativas envolvendo IA, (b) diversidade de porte e segmento editorial e (c) recorrência de menções e veículos especializados do setor.


Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218



Essa reorganização evidencia que a IA não atua apenas como ferramenta auxiliar, mas como dispositivo de reorganização estrutural do campo editorial, alterando tempos, custos e critérios de decisão. O uso preditivo de dados, por exemplo, aproxima o processo editorial de uma lógica algorítmica de antecipação de mercado, reduzindo margens de risco, mas potencialmente limitando apostas em obras não alinhadas a padrões consolidados.

No plano simbólico, os casos analisados revelam tensionamentos na noção de autoria e curadoria editorial. O episódio envolvendo a ilustração da obra *Alice no País das Maravilhas* pela Editora Novo Século ilustra como a ausência de transparência no uso de IA gera questionamentos sobre substituição de trabalho criativo humano e legitimidade estética.

A distinção implementada pela Amazon entre conteúdos “gerados por IA” e “assistidos por IA” revela um esforço de classificação que busca responder a um problema de governança do catálogo. Contudo, essa diferenciação também evidencia a dificuldade contemporânea de delimitar fronteiras entre criação humana e automação.

A certificação *Human Authored* surge, nesse contexto, como mecanismo simbólico de revalorização da autoria humana, funcionando como selo de legitimidade cultural em um ambiente marcado pela abundância automatizada.

A terceira dimensão analítica refere-se aos impactos estruturais sobre a bibliodiversidade. A expansão exponencial de títulos viabilizada por ferramentas generativas amplia quantitativamente a oferta, mas pode produzir homogeneização qualitativa.

O crescimento de 158% no faturamento de e-books e audiolivros entre 2022 e 2023 indica dinamização do setor; contudo, a análise qualitativa das reportagens especializadas revela preocupação recorrente com: baixa qualidade textual, ausência de curadoria, reprodução de padrões estilísticos previsíveis e invisibilização de autores periféricos.

Os vieses algorítmicos descritos no relatório técnico do Governo Federal (2024) reforçam essa preocupação. Viés de representatividade e viés de exclusão, quando aplicados à seleção de manuscritos ou recomendação de leitura, podem aprofundar desigualdades históricas do campo editorial. Assim, a IA opera simultaneamente como vetor de democratização produtiva e como potencial mecanismo de concentração simbólica.

Cabe destacar que a pesquisa apresenta limitações inerentes ao método adotado. Por tratar-se de análise documental baseada em informações publicamente disponíveis, não foram realizadas entrevistas diretas com gestores editoriais nem coleta de dados internos das empresas. Assim, as conclusões refletem a interpretação das práticas divulgadas publicamente e podem não abranger integralmente os processos internos das organizações analisadas. Ainda assim, a sistematização dos casos permite identificar tendências estruturais relevantes para a compreensão do cenário editorial contemporâneo.

ISSN: 2675-6218 - RECIMA21
Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cibercultura tem promovido profundas transformações no mercado editorial, redefinindo a produção, a distribuição e o consumo de livros (Thompson, 2013). Nos últimos anos, a inteligência artificial generativa (IAG) emergiu como uma das principais tecnologias disruptivas, impactando diversos setores, inclusive o editorial. As tecnologias contemporâneas transformaram profundamente o trabalho do autor e do editor, introduzindo novos desafios e oportunidades.

Neste artigo, buscamos evidenciar como algumas dessas transformações têm ocorrido, propondo uma análise crítica a partir de estudos em Comunicação Social, com ênfase na interseção entre editoração, linguagem e cultura.

A pesquisa foi conduzida por meio de análise qualitativa, com levantamento documental de práticas editoriais divulgadas em fontes públicas (sites institucionais, notícias, entrevistas e redes sociais) e análise de casos emblemáticos de uso de IAG por editoras nacionais. Foram mapeadas algumas editoras com iniciativas destacadas no uso de tecnologias emergentes, com foco na compreensão de seus objetivos, ferramentas utilizadas e impactos simbólicos e operacionais. Complementarmente, foram sistematizadas tendências e desafios enfrentados pelo setor editorial brasileiro diante do avanço do uso de ferramentas generativas de produção de conteúdo.

No Brasil, editoras de diferentes perfis têm incorporado ferramentas baseadas em IAG em processos como criação de capas, análise de manuscritos, produção de audiolivros, marketing digital e ilustração. Esse movimento revela uma tendência de digitalização, mas também suscita importantes debates sobre ética, autoria, regulação e bibliodiversidade, esta última compreendida como a diversidade aplicada ao contexto dos livros, Susan Hawthorne (2018) a define como um “sistema autossuficiente de relatos, escrita e editoras” (p. 20).

Editoras como Gente e *Darkside Books* têm investido em tecnologias digitais para oferecer experiências de leitura interativas, personalizadas e gamificadas. A Editora Intrínseca tem explorado estratégias de engajamento em plataformas como Instagram e *TikTok*, com foco em comunidades de leitores. A Melhoramentos desenvolveu projetos de incentivo à leitura em ambientes digitais, como o Literama. A Viseu incorporou o uso do sistema *Open Monograph Press* para gestão editorial, demonstrando como a IA também atua em processos administrativos e de acesso às publicações. O caso da Editora Novo Século, que utilizou IAG para ilustrar uma edição de *Alice no País das Maravilhas*, tornou-se símbolo de controvérsia. A ausência de transparência sobre o uso da tecnologia, descoberta por leitores atentos às características das imagens, gerou críticas quanto à substituição de ilustradores humanos e às implicações autorais da prática.

ISSN: 2675-6218 - RECIMA21
Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218



| Uso de IA por algumas editoras | |
|---|---|
| **Editora** | **Descrição** |
| **Editora Gente** | Experiências de leitura interativas e personalizadas, incluindo marketing, vendas, plataformas digitais e gamificação. |
| **Editora Darkside** | Exploração de novas tecnologias em publicações, com projetos interativos e edições digitais que ampliam a experiência do leitor. |
| **Editora Intrínseca** | Adoção de estratégias digitais para engajar leitores, promovendo livros via *Bookstagram* e *BookTok*. |
| **Melhoramentos** | Desenvolvimento de projetos de gamificação, como *Imagina Mundo* e *Literama*, para incentivo à leitura em ambientes interativos. |
| **Novo Século** | Ilustração de capas |
| **Editora Viseu** | Sistema *Open Monograph Press (OMP)* para gerenciar o fluxo editorial. |

**Quadro 1**: Elaboração da autora.

| Formas de aplicação das ferramentas | |
|---|---|
| **Aplicação** | **Descrição** |
| **Análise de Manuscritos** | Identificação de plágios e filtragem de originais. |
| **Previsão de Tendências** | Análise de dados de mercado e de tendências de leitura. |
| **Produção de Audiolivros** | Tecnologia de narração sintética para produzir em larga escala. |
| **Marketing e Publicidade** | Otimização de campanhas de marketing, segmentação de audiências e personalização de abordagens. Melhoria de metadados para aumentar visibilidade em mecanismos de busca e plataformas de venda. |
| **Automatização de Processos Internos** | Automação de tarefas administrativas e de fluxos operacionais. |
| **Ilustrações com IA** | Para elaboração de capas e ilustrações internas das obras. |
| **Traduções** | Apesar de utilizado, o tema é controverso e não regulamentado. |

**Quadro 2**: Elaboração da autora.

Os Quadros 1 e 2 foram elaborados a partir de análise documental sistemática. As editoras incluídas foram selecionadas conforme critérios de visibilidade pública de uso de IA, diversidade de perfil editorial e disponibilidade de informações verificáveis. As categorias de aplicação foram definidas a partir da segmentação da cadeia produtiva do livro (produção, circulação e legitimação simbólica), permitindo agrupar empiricamente as práticas observadas.

Contudo, o uso de ferramentas de IAG não apenas modificou a forma como os autores e editores criam e distribuem as obras, mas também introduziu novos desafios para todos os que operam no mercado editorial.

As ferramentas de inteligência artificial generativa, ao serem treinadas com grandes volumes de dados, utilizam obras protegidas por direitos autorais. Conforme a legislação brasileira vigente, a Lei de Direitos Autorais (LDA – Lei nº 9.610/1998), o uso dessas obras exige autorização prévia dos titulares, e a ausência desse consentimento configura múltiplas violações


Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

legais. Cada obra utilizada indevidamente nos treinamentos de IAG pode infringir diversos artigos da LDA.

Entre os usos mais comuns da IAG no mercado editorial, destacam-se: a assistência na escrita e análise de manuscritos; a capacidade preditiva para antecipar demandas e tendências de segmentos; a automação de processos internos das editoras tais como seleção, revisão e fluxos operacionais; e a produção de audiolivros por sistemas de texto para voz. No campo do marketing, ferramentas de IA automatizam metadados para personalizar campanhas, aumentando a visibilidade de alguns livros.

Foi registrado entre 2022 e 2023 um significativo crescimento na produção de e-books e audiolivros, com um aumento de 158% no faturamento editorial, demonstrando como as novas ferramentas de IA têm ampliado as possibilidades de elaboração de conteúdos (Facchini, 2024).

O crescimento vultoso de títulos viabilizado por ferramentas de geração automática de texto configura um fenômeno de massificação editorial que, embora amplie a oferta de livros, traz implicações preocupantes em termos de qualidade. Conforme descreve o *Olhar Digital* (2024), muitos desses conteúdos apresentam características objetivas de baixa qualidade, como erros gramaticais recorrentes, incoerências narrativas, repetição de informações, estrutura textual desorganizada e ausência de profundidade argumentativa ou literária. Além disso, a falta de revisão humana adequada compromete aspectos fundamentais como a consistência do enredo, a fidelidade conceitual e o cuidado estilístico. O relatório ainda destaca que a ausência de curadoria editorial profissional favorece a publicação de materiais com informações incorretas ou mal fundamentadas, aumentando o risco de disseminação de desinformação. Tal cenário gera uma sobrecarga de oferta que dificulta a visibilidade de obras de maior relevância social, educativa ou literária, prejudicando o acesso do leitor a conteúdos com valor cultural consolidado e dificultando o fortalecimento da bibliodiversidade no mercado editorial.

O volume de produção de livros utilizando inteligência artificial tem crescido de forma tão exponencial que a Amazon precisou implementar, em 2023, uma diretriz que limita os autores independentes a submeterem no máximo três títulos por dia na sua plataforma *Kindle Direct Publishing* (KDP). Uma tentativa de conter o aumento descontrolado de conteúdos gerados por IAG, que passou a ocupar um espaço expressivo no catálogo da empresa. As publicações variam entre livros infantis, obras de autoajuda, ficção e até mesmo textos que emulam o estilo de escritores consagrados. As novas diretrizes da KDP fazem uma distinção entre conteúdos "gerados por IA", incluindo textos e traduções inteiramente criados por ferramentas automatizadas, e conteúdos "assistidos por IA", nos quais os autores utilizam recursos tecnológicos apenas para aprimorar a produção textual. No cenário internacional, a Amazon também tem enfrentado um crescimento no número de reclamações por parte de leitores e autores, que questionam a qualidade dos materiais disponíveis e a viabilidade econômica da


Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

autopublicação diante da concorrência com obras automatizadas (Núcleo Jornalismo, 2023a; 2023b).

Diante disso, vemos que a escrita de obras assistida por inteligência artificial generativa tem despontado como um tema a ser analisado, uma vez que a fronteira entre criação humana e contribuição tecnológica se torna menos nítida.

Outro exemplo é o da plataforma *Wattpad* que utilizou a *Story DNA Machine Learning Technology* como ferramenta para analisar aspectos como de estrutura das frases, de uso das palavras e da gramática para revelar o potencial de venda de um livro (Herrero, 2019). Essa análise de dados influencia o processo de produção de livros, criando um sistema que se adapta ao gosto da maioria e serve como um termômetro de potencial de vendas.

O *PublishNews* (2025a) evidencia que as editoras brasileiras têm intensificado o uso de ferramentas de IAG como parte de suas estratégias de transformação digital, visando otimizar fluxos de trabalho e melhorar a capacidade de antecipar tendências de consumo no mercado editorial. A aplicação de tecnologias de *machine learning* e análise preditiva permite às editoras processar grandes volumes de dados, gerando *insights* sobre comportamento de leitura, padrões de compra e preferências temáticas, o que orienta tanto a definição de catálogos quanto as campanhas de marketing e distribuição. Essas práticas incluem a utilização de IA para a análise de desempenho de títulos anteriores, previsão de vendas e segmentação de público, fortalecendo as estratégias de comunicação com os leitores. Contudo, esse movimento também acentua preocupações éticas e sociais, especialmente em relação ao futuro de profissionais tradicionais do setor, como revisores, diagramadores, ilustradores e até editores de conteúdo conforme registra o *Correio do Povo* (2025).

Em resposta a esses desafios, iniciativas como a certificação *Human Authored*, relatada pelo *Gizmodo Brasil* (2025), surgem como tentativa de diferenciar obras produzidas integralmente por humanos das geradas por IA. A medida busca preservar a autoria intelectual e oferecer maior transparência aos leitores, representando um avanço na governança editorial.

O debate sobre governança interna, tratado em artigo do *PublishNews* (2025b), reforça a necessidade de revisão de políticas editoriais até 2027, com foco na definição de critérios claros para o uso ético de IA. Discussões sobre responsabilidade autoral, direitos trabalhistas e práticas de transparência são apontadas como prioridades.

Por fim, o especial do *Núcleo Jornalismo* (2025) descreve o contexto entre as *Big Techs* de IAG como um verdadeiro "campo de batalha", no qual grandes conglomerados disputam recursos, espaço e relevância diante da aceleração tecnológica. A publicação enfatiza o papel de regulamentações governamentais e a importância de políticas de regulação das novas tecnologias para mitigar os efeitos de concentração de mercado promovidos pelas plataformas de IAG.


Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218



A crescente automação de tarefas criativas e editoriais, impulsionada pela adoção de ferramentas de inteligência artificial generativa (IAG), tem intensificado o debate sobre a desvalorização de competências humanas historicamente essenciais ao processo editorial, como a curadoria de conteúdo, a revisão crítica, a criação literária e o design gráfico. Essa transformação tecnológica traz à tona questões complexas relacionadas à qualidade, à diversidade e à autenticidade dos produtos culturais oferecidos ao público leitor. A rapidez com que essas mudanças vêm ocorrendo exige uma reflexão crítica e multidisciplinar sobre seus impactos éticos, simbólicos e culturais. Entre as principais preocupações estão a disseminação de conteúdos de baixa qualidade, a utilização não autorizada de obras protegidas por direitos autorais no treinamento de modelos de IA, e a necessidade de maior regulamentação, transparência e responsabilidade no uso dessas tecnologias. Além disso, a atual ausência de princípios normativos específicos no âmbito das políticas públicas do livro, que orientem o uso de IAG na produção editorial, evidencia a urgência do desenvolvimento de diretrizes que assegurem a integridade e a autenticidade das obras publicadas, respeitem os direitos dos autores e valorizem o trabalho criativo humano como elemento central da cadeia produtiva do livro.

Os princípios do Projeto de Lei nº 2338/2023 (Brasil), que busca estabelecer diretrizes claras para o uso ético e legal de conteúdos protegidos no contexto da IA, reforçam o papel do Brasil como referência internacional em termos de proteção e regulamentação dos direitos de autor frente às novas tecnologias.

No contexto de crescente preocupação com a autoria e a originalidade das obras literárias, iniciativas como a certificação *Human Authored*, promovida pela *Guild*, emergem como resposta concreta às incertezas trazidas pela proliferação de conteúdos gerados por IAG. Essa certificação permite que autores identifiquem e valorizem a produção exclusivamente humana, diferenciando seus trabalhos em um mercado editorial saturado por materiais criados com o auxílio de tecnologias generativas. Atualmente, a certificação está restrita a membros e a livros de autoria única, mas há previsão de expansão para incluir obras de coautoria e de autores externos à organização. Tal movimento sinaliza uma tentativa de restaurar a confiança dos leitores na integridade criativa das obras, ao mesmo tempo em que reforça os direitos autorais individuais.

Não podemos deixar de pontuar os complexos desafios relacionados aos vieses algorítmicos que as decisões assistidas por IAG podem causar, principalmente em processos como seleção de manuscritos, recomendação de leitura e desenvolvimento de campanhas de marketing. Visto que esses modelos são treinados com grandes volumes de dados que podem carregar distorções, desigualdades históricas e representações inadequadas, comprometendo a imparcialidade das decisões editoriais.

Conforme aponta o Governo Federal em seu relatório técnico sobre os impactos e riscos da IA generativa (Brasil, 2024), entre os principais tipos de vieses identificados, destaca-se o viés


Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

de contexto, que ocorre quando a IA aplica interpretações equivocadas por não reconhecer adequadamente variações culturais, linguísticas ou de gênero em diferentes cenários editoriais. O viés de automação é outro fator preocupante, refletindo a tendência de se aceitar como corretas todas as respostas oferecidas pela IA, mesmo quando apresentam erros factuais ou omissões graves. O viés de representatividade evidencia-se quando os dados de treinamento não contemplam a diversidade da sociedade, levando a resultados mais eficazes para determinados grupos em detrimento de outros. Já o viés de seleção decorre da construção de bases de dados pouco variadas ou não aleatórias, produzindo amostras enviesadas. Por fim, o viés de exclusão aponta para a invisibilidade de grupos minoritários, que acabam mal representados ou completamente ignorados nos outputs gerados pelas ferramentas.

A presença de vieses algorítmicos na produção editorial mediada por IAG representa um risco significativo à bibliodiversidade, à educação e à cultura. Modelos treinados com conjuntos de dados limitados, não representativos ou historicamente enviesados tendem a reproduzir e amplificar padrões de exclusão, invisibilizando vozes periféricas, autores de grupos minorizados e narrativas fora do *mainstream*. Essa homogeneização editorial pode resultar na redução da diversidade de gêneros, estilos e perspectivas culturais disponíveis ao público leitor. No campo educacional, o impacto se estende à formação crítica de leitores, à representatividade nos materiais didáticos e à pluralidade de conteúdos literários acessíveis a estudantes de diferentes origens. Além disso, a lógica de automação e massificação, típica das tecnologias generativas, favorece a produção de obras com formatos e discursos padronizados, reforçando estereótipos e limitando o acesso a experiências de leitura que contemplem a complexidade social e cultural. Nesse cenário, a adoção de IA sem mecanismos de governança ética e editorial pode aprofundar as desigualdades no acesso ao conhecimento e empobrecer o ecossistema cultural como um todo, colocando em risco princípios fundamentais da bibliodiversidade, conforme defendido por organismos internacionais como a Unesco (2005).

Tais questões reforçam a urgência de políticas editoriais que considerem não apenas os benefícios operacionais da IA, mas também os riscos sociais, culturais e éticos de sua adoção desregulada. A implementação de certificações como a *Human Authored* e o debate sobre governança algorítmica na editoração devem caminhar juntos, visando garantir a diversidade, a equidade e a qualidade nas produções culturais. Esta breve análise aponta justamente para a necessidade de um equilíbrio delicado em integrar os benefícios operacionais das novas tecnologias sem comprometer os valores culturais, a diversidade de vozes e a integridade do campo editorial enquanto espaço de construção simbólica.


Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218



## CONSIDERAÇÕES

A análise desenvolvida ao longo deste estudo evidenciou que a incorporação da inteligência artificial generativa no mercado editorial brasileiro configura um processo de transformação estrutural que ultrapassa a dimensão meramente operacional. Ao responder ao problema de pesquisa proposto — compreender como essa tecnologia está reconfigurando práticas editoriais e quais impactos decorrem dessa adoção — observou-se que as ferramentas algorítmicas vêm sendo aplicadas em múltiplas etapas da cadeia produtiva do livro, desde a análise de manuscritos até estratégias de marketing, produção de audiolivros e automação de fluxos internos.

Os resultados indicam que, embora a IAG amplie a eficiência produtiva, reduza custos e ofereça maior capacidade de análise preditiva de mercado, sua adoção sem parâmetros claros de governança pode aprofundar tendências já presentes no setor editorial, como a concentração de mercado e a homogeneização cultural. A automatização de processos decisórios, especialmente quando orientada por dados históricos e métricas comerciais, tende a privilegiar padrões consolidados de consumo, podendo comprometer a circulação de narrativas periféricas e a diversidade de vozes — elemento central para a manutenção da bibliodiversidade.

Além disso, destacam-se desafios relacionados à autoria, à utilização de obras protegidas no treinamento de modelos de IA e aos vieses algorítmicos, que podem reproduzir desigualdades estruturais. Tais aspectos reforçam a necessidade de transparência nos processos editoriais mediados por sistemas automatizados, bem como a urgência de marcos regulatórios que assegurem direitos autorais, responsabilidade institucional e proteção da diversidade cultural.

Do ponto de vista teórico, o estudo contribui ao articular os estudos da Comunicação e da economia política do livro com o debate contemporâneo sobre governança algorítmica, ampliando a compreensão do uso dessas tecnologias como elemento estruturante das mediações culturais. A IAG não atua apenas como ferramenta técnica, mas como agente capaz de influenciar critérios de seleção, visibilidade e legitimação simbólica no mercado editorial.

Reconhece-se, contudo, que a pesquisa apresenta limitações decorrentes da análise baseada em fontes documentais públicas, não contemplando dados internos das editoras ou percepções diretas de profissionais do setor. Investigações futuras podem aprofundar a discussão por meio de entrevistas, estudos de caso comparativos ou análises quantitativas sobre impacto econômico e diversidade de catálogo.

Conclui-se que o desafio central não reside na rejeição da inovação tecnológica, mas na construção de um modelo de integração responsável da IAG ao ecossistema do livro. A preservação do trabalho criativo humano, da pluralidade cultural e da autonomia editorial depende do equilíbrio entre eficiência tecnológica e compromisso ético. Nesse cenário, o debate sobre

ISSN: 2675-6218 - RECIMA21
Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

governança, regulação e certificação de autoria humana emerge como dimensão estratégica para o futuro do setor editorial.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos. **Inteligência artificial generativa no serviço público**: aspectos técnicos, riscos e recomendações preliminares. Brasília: Governo Federal, 2024. Disponível em: https://www.gov.br/governodigital/pt-br/infraestrutura-nacional-de-dados/inteligencia-artificial-1/ia-generativa-no-servico-publico.pdf. Acesso em: 17 jun. 2025.

BRASIL. **Projeto de Lei n. 2338, de 2023**. Autoria: Rodrigo Pacheco. Brasília, DF: Senado Federal, 2023. Disponível em: https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/157233. Acesso em: 31 jan. 2025.

CORREIO DO POVO. Inteligência artificial abala mercado editorial. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 4 jun. 2025. Disponível em: https://www.correiodopovo.com.br/arteagenda/inteliq%C3%AAncia-artificial-abala-mercado-editorial-1.1406706. Acesso em: 17 jun. 2025.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros:** passado, presente e futuro. Tradução: Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FACCHINI, Thiago. Setor editorial brasileiro apresenta recuo nominal de 0,8% em 2023 nas vendas ao mercado. **PublishNews**, São Paulo, 22 maio 2024. Disponível em: https://www.publishnews.com.br/materias/2024/05/22/setor-editorial-brasileiro-apresenta-recuo-nominal-de-08-em-2023-nas-vendas-ao-mercado. Acesso em: 17 jun. 2025.

GIZMODO BRASIL. Nova certificação “Human Authored”: uma revolução no mundo literário? **Gizmodo Brasil**, São Paulo, 28 maio 2025. Disponível em: https://www.gizmodo.com.br/nova-certificacao-human-authored-uma-revolucao-no-mundo-literario-6619. Acesso em: 17 jun. 2025.

HAWTHORNE, Susan. **Bibliodiversidade**: um manifesto para a edição independente. Tradução: Juan Carlos Sáez e Alejandro Caviedes. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: La Marca Editora, 2018.

HERRERO, Lorenzo. Más de 500 millones de historias en manos de la nueva editorial Wattpad Books. **PublishNews**, São Paulo, 29 jan. 2019. Disponível em: https://www.publishnews.es/materias/2019/01/29/mas-de-500-millones-de-historias-en-manos-de-la-nueva-editorial-wattpad-books. Acesso em: 17 jun. 2025.

NÚCLEO JORNALISMO. Amazon agora limita autores a publicar no máximo 3 livros por dia. **Núcleo Jornalismo**, São Paulo, 22 set. 2023a. Disponível em: https://nucleo.jor.br/curtas/2023-09-22-amazon-autores-autopublicar-livros/. Acesso em: 17 jun. 2025.

NÚCLEO JORNALISMO. Livros gerados por IA inundam Amazon, e autores independentes temem futuro da autopublicação. **Núcleo Jornalismo**, São Paulo, 22 ago. 2023b. Disponível em: https://nucleo.jor.br/reportagem/2023-08-22-livros-ia-amazon/. Acesso em: 17 jun. 2025.

NÚCLEO JORNALISMO. O campo de batalha da inteligência artificial no mercado editorial. **Núcleo Jornalismo**, São Paulo, 25 mar. 2025. Disponível em: https://nucleo.jor.br/interativos/2025-03-25-campo-batalha-inteligencia-artificial/. Acesso em: 17 jun. 2025.


Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

OLHAR DIGITAL. IA tem ajudado a produção de livros a crescer, mas isso pode ser um problema. **Olhar Digital**, São Paulo, 2 dez. 2024. Disponível em: https://olhardigital.com.br/2024/12/02/pro/ia-tem-ajudado-a-producao-de-livros-a-crescer-mas-isso-pode-ser-um-problema/. Acesso em: 17 jun. 2025.

PUBLISHNEWS. IA e inovação movimentam debates do mercado editorial antes da Bienal do Livro Rio. **PublishNews**, São Paulo, 12 jun. 2025a. Disponível em: https://www.publishnews.com.br/materias/2025/06/12/ia-e-inovacao-movimentam-debates-do-mercado-editorial-antes-da-bienal-do-livro-rio. Acesso em: 17 jun. 2025.

PUBLISHNEWS. O futuro da edição: governança interna e IA até 2027. **PublishNews**, São Paulo, 26 maio 2025b. Disponível em: https://www.publishnews.com.br/materias/2025/05/26/o-futuro-da-edicao-governanca-interna-e-ia-ate-2027. Acesso em: 17 jun. 2025.

SCHIFFRIN, André. **O negócio dos livros:** como as grandes corporações decidem o que você lê. Tradução de Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

THOMPSON, John B. **Mercadores de cultura:** o mercado editorial no século XXI. Tradução: Alzira Vieira Allegro. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

UNESCO. **Convenção sobre a proteção e promoção da diversidade das expressões culturais**. Paris: Unesco 2005. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000150224. Acesso em: 2 mar. 2025.


Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.